

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1. Júnior Almeida, Mácleim Damasceno e Dhyda Lyra rememoram suas experiências e dizem o que pensam sobre essa retomada

GRANDES NOMES DA MÚSICA RELEMBRAM ANTIGOS FESTIVAIS

Tomado pelo clima dos antigos festivais, o **Caderno B** conversou com alguns dos nomes que se destacaram por aqui. Júnior Almeida, Mácleim Damasceno e Dhyda Lyra são só alguns dos músicos revelados em eventos do tipo – a lista é extensa e poderia tomar linhas e mais linhas. Conversamos com eles, que lembraram como era antigamente, contaram experiências marcantes, opinaram sobre a importância de ações do tipo na área da música. Confira!

LARISSA BASTOS REPÓRTER



JÚNIOR ALMEIDA



MÁCLEIM DAMASCENO



DHYDA LYRA

Gazeta. Como eram os festivais antigamente?

Júnior Almeida. Os festivais, de uma certa forma, funcionavam como um centro de debates para os acontecimentos marcantes da vida política e social do País. Um grande espelho onde eram refletidas em forma de música as mais variáveis correntes de pensamentos. Um jeito muito eficiente de acessar um grande público. Estética, política, costumes... Estava tudo ali. Claro que também desempenhavam o papel de transformar em ídolos ou artistas reconhecidos os seus melhores participantes.

O que eles tinham de especial? A grande atenção que recebiam dos meios de comunicação e, por consequência, o grande número de pessoas que acompanhavam e torciam para os seus artistas e canções favoritas.

Como foi sua experiência participando deles?

A melhor possível. Comecei minha carreira de músico profissional participando de um festival promovido pelo DCE da Ufal. Estudava no Rio de Janeiro e durante uma viagem de férias fui convidado por alguns amigos para formar um grupo (Caça Mas Não Manga) e inscrever uma canção (*Cabeças de pitomba*) no festival daquele ano. Nossa intenção era propor uma estética musical diferente da que se praticava na época. O grupo fez sucesso e nos proporcionou muitos shows e uma presença marcante no cenário da música local. No ano seguinte (1985), participei como artista solo defendendo a música *Lúcia colagem* (Júnior Almeida-Edvaldo Damião-Emídio Magalhães-Jorge Barbosa). Venci o festival com a votação do júri oficial e do júri popular. Desde então, sou músico (cantor-compositor).

Teve alguma história mais marcante, que você lembre até hoje?

Nunca esquecerei da primeira apresentação do Caça Mas Não Manga, minha estreia na música profissional. Ao meu lado estavam Nelson Braga, Emídio Magalhães, Jorge Barbosa, Aline Marta, Rosália Brandão, Gal Monteiro, Jatiúca, Zé Barros, Luís Carlos Angelo e Baigon (que tocou bateria porque nenhum bateris-

ta encarou tocar com a gente). Éramos 11. Subimos ao palco do Teatro Deodoro (local das eliminatórias do festival) vestidos de personagens que figuravam no imaginário da música *Cabeças de pitomba*, uma música completamente anárquica com uma letra provocante e uma boa variação de ritmos, homenagem ao poeta russo Vladimir Maïakovsk. Me lembro de estar vestido de terno e com o livro *O Capital*, de Karl Max, debaixo do braço. Assim que entramos no palco fomos recebidos por uma imensa vaia. Começamos a cantar ainda sobre o som dessa calorosa manifestação. Aos poucos a música foi se impondo e atraindo a curiosidade. Aquele grupo esquisito se fez simpático. E, no final, quando cantávamos o último trecho que era feito em forma de frevo ("...Hoje em dia não se vende um peito de creolina/ Desse jeito no palácio do governo vão sentir a fedentina/ Quem vai querer?/ Quem vai querer?"), fomos surpreendidos pelos aplausos da plateia que, em pé, saudava aquela banda de malucos que ousavam quebrar as regras da música tradicional do nosso politizado festival.

Ficou uma lacuna em Alagoas com o fim dos festivais?

Não só em Alagoas como em todo Brasil. Com o fim dos festivais a classe musical perdeu um importante espaço de divulgação do seu trabalho.

Como avalia a importância desses festivais, em especial os universitários, para a música alagoana?

Acho que eles tiveram uma importância imensa. Parte dos cantores e compositores que hoje atuam no nosso cenário foram forjados nos festivais de música. A música autoral passou a ter importância e ganhou presença nos roteiros dos shows apresentados por artistas da nossa cidade.

Qual a sua opinião sobre esse novo festival que a Secult quer fazer?

Ainda não tenho conhecimento do formato do festival. Mas acredito que, num cenário ainda carente de bons projetos musicais de música autoral, é sempre bem-vinda uma ação que possibilite a visibilidade da produção dos nossos compositores e intérpretes.

Gazeta. Como eram os festivais antigamente?

Mácleim Damasceno. Sou da época dos festivais universitários, no começo dos anos 1980 e, depois, dos festivais promovidos pelo Sesc, já nos anos 1990. Entre um e outro, além do espaço-tempo, existia uma diferença conceitual, em virtude do contexto social e político no qual cada um aconteceu. Os festivais universitários aconteceram ainda sob a repressão e censura do regime militar, e tinham o envolvimento do clima acadêmico da época, cuja essência era contestatória à ditadura que imperava no País. Eram forjados nos Centros Acadêmicos, que eram bastante efervescentes e politicamente engajados. O que fugia a esse clima era meio que desbunde alienado, o que não quer dizer, absolutamente, falta de musicalidade e criatividade, muito pelo contrário. Já os festivais dos anos 90, os do Sesc, tinham outro contexto. Estávamos na era da redemocratização e a música como expressão artística, e não mais como panfleto, era valorizada pela qualidade estética implícita aos seus elementos estruturais.

O que eles tinham de especial?

O que eu entendo de especial nos festivais de música, e tanto faz a época em que eles se situam, é a real possibilidade de vitrine para novas propostas, experimentos e expressões. Uma espécie de porta que se abre, não necessariamente para fora, mas, sobretudo, de foro íntimo, de percepção individual do artista que você se imagina ser.

Como foi sua experiência participando deles?

Foi no primeiro festival que participei, o terceiro Festival Universitário da Ufal, que eu tive a noção exata do que eu queria como escolha para a minha vida. Foi nele o meu encontro com a aptidão. Imediatamente após, larguei o curso de Arquitetura e fui cuidar da minha única possibilidade de fugir da mediocridade a que estaria condenado em outra atividade. Mas foi também em outros festivais, os do Sesc, por exemplo, quando fui vencedor por duas vezes, que descobri o lado triste e mesquinho da competição. Isso me fez desistir para sempre de participar de festivais competitivos, pois o meu espírito sempre foi desprovido de competição ou concorrência, porém, repleto de congraçamento, que existia na maioria dos colegas.

Teve alguma história mais mar-

cante, que você lembre até hoje?

Sou daqueles que vivenciei, com alguma clareza, o final do segundo período até os derradeiros momentos do golpe civil-militar de 64. Ainda durante a redemocratização do País, após a anistia, em 1979, senti de perto o quanto era ridícula e absurda, por exemplo, a censura à produção artística da época. Tive que prestar esclarecimentos sobre a qual *Coroné* (assim, com essa grafia mesmo) se referia os versos de uma música minha que precisava da liberação para ser gravada no disco do Festival Universitário da Ufal. O censor queria saber de qual segmento das Forças Armadas era o tal *Coroné*. Se do Exército ou da Aeronáutica. Fiquei sabendo que não existe coronel na Marinha... Se fosse agora, bastava dizer que era o tipo de *Coroné* da novela.

Ficou uma lacuna em Alagoas com o fim dos festivais?

Sob o ponto de vista da visibilidade que um festival aberto proporciona, sobretudo para os artistas que estão começando, eu diria que sim. A falta deles sempre causa uma lacuna. Sobretudo em tempos de mídia hegemônica e comprometida com o jabaculé. Porém, festivais têm acontecido regularmente em Alagoas, embora fechados a determinadas comunidades, como é o caso do Festival de Música da Ufal, restrito à comunidade acadêmica.

Como avalia a importância desses festivais, em especial os universitários, para a música alagoana?

São importantes na medida em que podem ser o primeiro degrau capaz de fortalecer no universitário, com alma de artista e talento suficiente, a autoconfiança em si mesmo para seguir adiante musicalmente e perceber que está perdendo tempo no curso errado. Por outro lado, tem a pergunta feita pelo Carlos Garega: "Por que você quer ser artista? Por que você quer ser cantor? O campo precisa de gente, precisa de agricultor..."

Qual a sua opinião sobre esse novo festival que a Secult quer fazer?

Desconheço quais os critérios e qual a estrutura e logística que terá esse festival. Dependendo de como seja, pode ser um tiro no pé, frustrante e desestimulante para quem for participar. Portanto, sinceramente, desconfio da competência para qualquer coisa que venha dessa atual gestão da Secult.

Gazeta. Como eram os festivais antigamente?

Dhyda Lyra. Os festivais movimentavam a cidade toda em termos de cultura musical. Apareceram vários cantores assim, participando de festivais.

O que eles tinham de especial?

Eles tinham a organização e havia uma preocupação maior com a cultura musical, com a preservação das raízes, o que hoje a gente não vê. O clima hoje é completamente diferente. O que temos é essa banalidade da música, com essas bandas de forró terríveis, que são as que movimentam o dinheiro, o dinheiro vai todo pra elas.

Como foi sua experiência participando deles?

Particpei de uns quatro ou seis festivais. A experiência foi muito boa. Era uma época em que tudo estava em ebulição

Teve alguma história mais marcante, que você lembre até hoje?

Olha, que eu me lembre, não. Não chego a me recordar, mas o marcante mesmo era a presença de outros artistas, a movimentação que tínhamos.

Ficou uma lacuna em Alagoas com o fim dos festivais?

A lacuna cultural ficou em todo País; é só ver o nível de música que temos hoje. Naquela época ouvíamos os grandes nomes da Música Popular Brasileira, grandes cantores.

Como avalia a importância desses festivais, em especial os universitários, para a música alagoana?

Eles ajudavam a preservar a cultura, né? Preservavam nossas raízes. Era uma forma também de descobrir novos talentos. Os festivais eram uma grande oportunidade para nós, músicos, era onde podíamos mostrar nosso trabalho.

Qual a sua opinião sobre esse novo festival que a Secult quer fazer?

Não estava sabendo, mas, se é bom, merece mesmo ser feito. Talvez seja uma oportunidade de retomarmos os festivais. Em Alagoas, temos grandes nomes na música, mas com essa política atual... Acharmos grandes nomes aqui e precisamos revelá-los. ☺